

Texto 1

Louis Braille — Um Benfeitor da Humanidade

Jonir Bechara Cerqueira

Os episódios da vida de Louis Braille transcorreram essencialmente na vila de Coupvray, onde nasceu, e em Paris. Coupvray pertence ao departamento de Seine-et-Marne, que foi criado à época da Revolução Francesa, em 04 de março de 1790, em decorrência da aplicação de uma lei de 22 de dezembro de 1789. O nome provém do rio Sena e de seu afluente, Marne.

Em fins do século XVIII e princípios do século XIX, a vila era um dos grandes celeiros da capital. Além das variadas atividades agrícolas (cultivo das vinhas, por exemplo), ali trabalhavam fabricantes de carros, ferradores de animais e seleiros. As comunicações eram difíceis e pouco se sabia, imediatamente, do que ocorria na capital, a apenas 40 quilômetros. As distâncias eram cobertas por veículos de tração animal, de modo que uma diligência gastava mais de 4 horas para alcançar Paris.

Os habitantes padeceram os horrores das guerras napoleônicas, quer com o confisco de bens feito pelo próprio governo, como também, posteriormente, pelos invasores russos e prussianos, após a derrota do imperador francês. Simon-René Braille teve de doar 320 francos ao governo imperial e, tempos depois, entregar sua vaca às tropas invasoras.

A família Braille

O mais antigo ancestral conhecido da família Braille foi Simon Braille, que chegou a Coupvray em 1740. Casou-se com a filha do Sr. Auville, seleiro da vila, e tornou-se sucessor do sogro nesta profissão. Seu filho, Simon-René Braille, após a morte do pai em 1782, veio a ser em pouco tempo, por méritos próprios, um verdadeiro mestre na produção de selas, arreios, correias e calçados, além de desenvolver atividades produtivas em terras de sua propriedade. Estabeleceu-se, assim, uma linha sucessória na importante profissão, muito requerida numa época em que o transporte de tração animal era o meio regular utilizado por pessoas e para cargas.

Simon-René Braille nasceu em 06 de setembro de 1764. Sua futura esposa, Monique Baron, em 03 de setembro de 1769. O jovem seleiro de 28 anos casou-se com a filha de vinhateiros, de 23 anos, no dia 05 de novembro de 1792 e tiveram quatro filhos: Monique-Catherine-Josephine (05-11-1793); Louis-Simon (09-03-1795); Marie-Céline (15-01-1797) e Louis (04-01-1809).

Registros existentes em Coupvray informam que Monique era de estatura baixa (1,50 m), cabelos castanhos, testa estreita, olhos azuis, queixo afilado. Simon-René media aproximadamente 1,65 m de altura, cabelos castanhos, nariz grande, boca de tamanho regular, queixo arredondado.

Sob os rigores do inverno de 1809, Monique aguardava o nascimento de seu quarto filho. Assistida pela parteira do local, Marguerite Parivel, sentia as dores do parto desde a tarde do dia

anterior e, às quatro horas da madrugada do dia 04 de janeiro, uma quarta-feira, deu à luz uma criança franzina, cabelos louros, olhos azuis, por cuja sobrevivência se temeu ainda por algum tempo.

No dia seguinte, Mr. Molin, tabelião e substituto do prefeito local, anotou no arquivo da comunidade:

No ano de mil oitocentos e nove, no dia cinco de janeiro, às dez horas da manhã, perante nós, Substituto do Prefeito de Coupvray, desempenhando as funções da autoridade civil do estado na supra-mencionada localidade, na ausência do Prefeito, compareceu Simon-René Braille, com idade de quarenta e quatro anos, seleiro, residente em Coupvray, que nos apresentou uma criança do sexo masculino, nascida ontem às quatro horas da manhã, seu filho e de sua esposa, Monique Baron, ao qual nos disse que desejaria dar o nome de Louis. As declarações e informações acima, foram feitas em presença de René Coquelet, com quarenta e cinco anos de idade, merceiro, e de Mathieu Simonet, com idade de quarenta e nove, vinhateiro, ambos residentes na supra-citada Coupvray, o pai e as testemunhas assinaram conosco este certificado, após ter sido lido para eles.

A criança foi batizada em 08 de janeiro pelo abade Pillon na igreja de Saint-Pierre, em Coupvray, tendo como padrinhos Louis-François André Michel, agricultor, e Geneviève Boulingre.

O acidente: a cegueira

Louis Braille se desenvolvia normalmente como qualquer criança: andava, corria, brincava pela casa. Desfrutava dos desvelos dos pais e dos carinhos do irmão e irmãs, bem mais velhos que ele. Revelava forte atração por brincar com ferramentas e objetos da oficina do pai. Era impedido de fazê-lo pela ameaça que envolvia lidar com instrumentos perigosos para um menino de pouca idade.

No ano de 1812, aos três anos, em certo dia fatídico, o menino curioso consegue penetrar na oficina misteriosa, alcança uma ferramenta pontiaguda (possivelmente uma sovela) e tenta furar ou cortar um pedaço de couro. Embora estas circunstâncias não passem de especulações, admite-se que a ferramenta perfurante tenha atingido um dos olhos, provocando forte hemorragia. Socorrido imediatamente, fora estancado o sangramento. Os recursos da medicina de então não eram suficientes para evitar o início de uma infecção que se instalou. O mal, que um antibiótico moderno teria certamente debelado, se propagou através do nervo óptico para o outro olho, num processo chamado de oftalmia simpática. Aos cinco anos, Louis Braille ficara completamente cego.

Numa oficina de seleiro montada no atual museu Casa Natal de Louis Braille, em Coupvray, podem ser lidas numa placa, as seguintes palavras em sua parte inferior:

Foi na oficina de seu pai que se desenrolou o drama que arrebatou a luz ao genial menino de Coupvray.

Uma nova vida

Catherine-Josephine, a irmã mais velha, antes de seu casamento em 1813, costumava levar consigo o irmão cego, quando, às tardes, ia recolher água no rio, aproveitando a oportunidade para contar-lhe histórias, enquanto caminhavam. Aos domingos, juntos, assistiam missa na igreja de Saint-Pierre.

Os anos de 1815 e 1816 foram decisivos para o presente e o futuro do menino cego. A vila começava a se recuperar dos males das guerras, ainda padecendo da pobreza e das epidemias que sempre acompanham essas grandes catástrofes criadas e alimentadas pelo próprio homem.

No ano de 1815, um novo abade, Jacques Palluy, veio substituir o falecido abade Pillon. Palluy integrou-se rapidamente a seus paroquianos, interessando-se por suas vidas e dando-lhes a orientação religiosa necessária naqueles momentos difíceis. Conheceu e fez-se íntimo da família Braille, informando-se e mostrando-se sensível para com a situação do menino atingido pela cegueira. Costumava conversar com ele e lhe deu as primeiras lições na senda do cristianismo. Conversavam no presbitério ou sentados em bancos nos jardins. Louis Braille recebeu deste homem os fundamentos iniciais para o fortalecimento de seu espírito e o desenvolvimento da grande sensibilidade aos problemas alheios, forças indispensáveis para a grande missão que o futuro lhe reservava em proveito de toda a humanidade.

O menino cego de seis anos já participava, de algum modo, das atividades domésticas. Os pais não queriam deixá-lo ocioso e permitiam que ajudasse nas tarefas simples do dia-a-dia. Além disso, ele produzia franjas para arreios, utilizadas na oficina pelo pai.

No ano de 1816, um outro acontecimento relevante: a admissão do jovem professor Antoine Brecheret para se encarregar da instrução das crianças na religião católica, em Aritmética e nas práticas da leitura e da escrita. Por solicitação do bondoso abade, Louis foi admitido pelo mestre em sua classe. O desempenho do menino era surpreendente. Embora não pudesse ler e escrever, tirava proveito dos ensinamentos ministrados oralmente e conseguia se destacar entre os demais estudantes. Um colega da vizinhança o levava e trazia das aulas. Menino cego e menino vidente caminhavam de mãos dadas na pequena Coupvray para aprenderem juntos.

Louis Braille frequentou a escola de Coupvray de 1816 a 1818. Um registro escolar datado de 1818, existente na Casa Natal, documenta esta realidade.

Em casa, Simon-René, procurando participar da instrução do filho, preparara em ripas de madeira, um alfabeto com pregos de cabeça arredondada, representando o formato das letras (peças encontradas atualmente na Casa Natal em Coupvray).

Palluy, preocupado ainda com o futuro do menino, teve conhecimento da existência da escola de Paris através do próprio professor Brecheret. Buscou o apoio do marquês d'Orvillier, latifundiário local de espírito generoso, que fez contatos promissores com a direção do Instituto. O incansável abade procura, então, convencer Simon-René e Monique sobre as vantagens da instrução e de um possível encaminhamento profissional para o filho, impedido de prosseguir a tradição familiar de seleiro da comunidade.

A escola de Paris

Admitido em 15 de janeiro, ingressou no Instituto Real dos Jovens Cegos no dia 15 de fevereiro de 1819, aos 10 anos de idade. A viagem numa diligência começou na manhã daquele dia e, após quatro horas, pai e filho chegam a uma cidade estranha para Louis. Descem e caminham até a Rua Saint-Victor, 68, onde funcionava o estabelecimento que atendia a cerca de cem crianças, dirigido pelo médico, Dr. Sébastien Guillié.

Louis Braille entrara para sua casa de adoção onde viveria até a morte prematura em 1852, com 43 anos. Seus vínculos com a família jamais se enfraqueceram. Voltava a Coupvray nas grandes férias e, mais tarde, em períodos diversos para recuperar-se devido à saúde comprometida pela tuberculose.

Aluno, repetidor (explicador) e professor foram as etapas de vida que se sucederam no estabelecimento naqueles 33 anos.

O regimento escolar de 30 de outubro de 1815 estabelecia como objetivo “instruir as crianças cegas e lhes proporcionar uma atividade profissional útil”. Foram criadas 90 vagas gratuitas, sendo a terça parte para meninas. Alunos bolsistas poderiam ingressar entre as idades de 10 e 14 anos. O ensino deveria abranger os três ramos: intelectual, musical e profissional. A jornada diária de estudos era de 10 horas e meia.

O processo de escrita utilizado era aquele criado pelo fundador da escola, Valentin Haiiy. A idéia vigente era de levar a pessoa cega para a realidade dos que veem. As letras do sistema comum de escrita eram impressas em relevo, com maior tamanho, possibilitando sua identificação pelo tato. A leitura era lenta e a escrita não podia ser feita manualmente.

A abordagem dos processos de leitura tátil será feita em próximo artigo, dada sua especificidade e extensão.

O aluno Louis Braille

Dois anos depois de seu ingresso na escola, assumiu a direção o médico, Dr. François-René Pignier (1785-1874), que terá papel relevante na vida do menino, do jovem e do professor Louis Braille.

Desde cedo, Braille apresentava bom desempenho nas atividades intelectuais e manuais. De 1823, com 14 anos, até 1827 exerceu a função de contra-mestre na oficina de chinelos de tiras e de tranças. Seus estudos de música foram dedicados à execução instrumental em piano, violoncelo e órgão.

No período de 1820 a 1828 recebeu diversos prêmios por desempenho nas atividades escolares, como em: trabalhos de malha, confecção de chinelos, Gramática, História, Geografia, Aritmética, Retórica, Gramática Geral, Lógica, Álgebra, Geometria, Violoncelo e Piano.

Muitas relações de franco coleguismo e de amizade foram estabelecidas por Braille durante sua vida escolar. Tinha um particular amigo: Gabriel Gauthier (1808-1853), compositor e futuro professor de música. Ironicamente, faleceram do mesmo mal em anos consecutivos. Outro grande amigo foi Hippolyte Coltat, aluno de Braille e, anos depois, seu colega no magistério. Acompanhou-o até o momento da morte. Escreveu *Notice Biographique sur Louis Braille*, (Notícia Biográfica sobre Louis Braille), 1853, obra a que seus biógrafos recorrem frequentemente.

Um novo processo de escrita

Certo militar do exército francês, Charles Barbier de la Serre, havia criado um processo de escrita em pontos salientes, cujo objetivo era transmitir curtas mensagens entre militares em campanha. Entendia Barbier que as ordens poderiam ser passadas secretamente no escuro, sem alertar o inimigo. Criou uma codificação perceptível pelo tato, mas que não se prestava para uso em

todas as necessidades do ensino. Não existe qualquer comprovação de que o processo criado por Barbier tenha sido utilizado em algum momento pelos militares da França. Em 1821, ofereceu sua proposta à direção do Instituto para experimentação. A possibilidade de perceber, mais facilmente, os pontos do que as linhas lisas em relevo despertou o interesse dos estudantes da escola de Paris, especialmente de Louis Braille. O menino, aos 12 anos, empenhou-se vivamente na tarefa de experimentar, reestruturar e criar uma nova codificação. Trabalhava intensamente nos intervalos das aulas, à noite, nas férias escolares até formular, em 1825, a versão inicial de seu grande invento.

Braille, repetidor e professor

Na escola de Paris, como posteriormente no Imperial Instituto dos Meninos Cegos, do Rio de Janeiro, existiu a função remunerada de “repetidor”, espécie de explicador das lições. Um repetidor assumia a docência de certos grupos de alunos e, conforme seu desempenho, poderia vir a ocupar o cargo de professor. Tal ocorreu com Louis Braille. Em 08 de agosto de 1828, foi designado para a função de repetidor na Instituição. Desde 1826, ainda na condição de aluno, começara a ensinar Álgebra, Gramática e Geografia.

Sobre o mestre Louis Braille, Coltat nos diz:

Ele se desempenhava de suas funções com tal encanto e tal sagacidade, que, para seus alunos, o dever de assistir à aula era transformado num verdadeiro prazer. Neles, o espírito de competição não tinha somente por fim se igualarem ou se sobrepujarem uns aos outros; convertia-se em uma tocante e contínua preocupação de serem agradáveis a um professor que eles amavam como a um superior estimável, a um amigo prudente, esclarecido, fértil em bons conselhos.

No ano de 1833, Louis Braille, Gabriel Gauthier e Hippolyte Coltat, repetidores cegos da Instituição, foram nomeados professores. À mesma época, Louis Braille foi empregado como organista da igreja de Saint-Nicholas-des-Champs, em Paris, função que desempenhou com êxito até 1839, quando se transferiu para outra igreja. Esclareça-se que o Dr. Pignier, valendo-se de seu prestígio pessoal entre o clero, conseguiu a admissão de alunos adiantados e repetidores aptos na execução do órgão em igrejas e capelas. A partir de então, passou a ser comum o aproveitamento profissional de organistas cegos na França.

O competente e dedicado professor ministrou aulas também a alunos videntes do Instituto de Paris a partir de 1831. Produziu trabalhos para estudo dos alunos como um livro denominado *Pequeno Memento de Aritmética para uso dos Principiantes, contendo os Números Inteiros e as Frações Decimais, acompanhado de cem Problemas*. Afirma-se que financiava a reprodução de livros em relevo para estudantes sem recursos.

Simon-René falecera em 31 de maio de 1831. Sentindo a proximidade do fim, o seleiro de 67 anos pediu ao filho Louis-Simon que escrevesse ao Dr. Pignier, solicitando-lhe que velasse por seu filho cego, então com 22 anos. Pignier considerou o pedido como um verdadeiro compromisso moral e viveu sempre próximo a Louis Braille tendo, inclusive, assistido ao seu último suspiro.

Surgiram os primeiros indícios da tuberculose que consumiu, lentamente, a vida de Louis Braille. Em 1835 teve a primeira crise de hemoptise. A partir de 1840 foram reduzidas suas atividades de ensino, em decorrência do mal.

O Instituto Nacional dos Jovens Cegos (INJA) funciona hoje em magnífica sede de mais de 11.000 metros quadrados, no Boulevard des Invalides, 56, em Paris. Foi para aí transferido em fins

de 1843, dos prédios da Rua Saint-Victor, que era uma sede inadequada, insalubre e, em decorrência disso, verificavam-se doenças e mesmo morte entre os alunos. Acredita-se que a tuberculose de Louis Braille tenha sido uma das desditosas conseqüências do ambiente úmido e abafado dos cômodos daquelas construções bicentenárias.

Como já foi dito, os primeiros estudos sobre a escrita em pontos de Louis Braille, foram concluídos em 1825. Em 1829 ele faz publicar a primeira versão, compreendendo ainda pontos e traços, num total de 96 sinais. Nos anos subsequentes, aperfeiçoou a proposta e chegou à formulação final em 1837, com 63 sinais, como até hoje. Esta última versão também foi publicada e divulgada na França e em alguns países.

A escrita comum também constituía preocupação do ensino no Instituto de Paris, desde sua fundação. Ensinava-se a escrita a mão aos alunos cegos. Os estudantes habilitados e aqueles que perderam a visão depois de a exercitarem, alcançavam melhores sucessos nos resultados. Louis Braille escrevia a mão, o que o provam as cartas dirigidas a familiares e ao Dr. Pignier. Entre 1836 e 1839, desenvolveu estudos e formulou uma proposta para escrita das letras comuns com pontos. Editou nesta última data um manual com a fundamentação e os procedimentos para produzir letras, mapas e desenhos com pontos.

O Dr. Pignier foi substituído na direção do Instituto, em 1840, pelo professor Pierre-Armand Dufau (1795-1877), que já atuava a 25 anos em seu magistério. Dufau não era favorável à aplicação de qualquer forma de escrita em relevo diferente das que utilizassem as letras latinas em relevo linear. Deste modo, era contrário ao uso do Sistema Braille na escola. Seu chefe de ensino, entretanto, aprendera o sistema, observara sua aplicação entre os alunos e assumiu posição diferente. Mais tarde, Dufau reconheceria seu erro e apoiaria plenamente a aplicação do Sistema Braille na escola de Paris.

A transferência do Instituto da Rua Saint-Victor para o Boulevard des Invalides transformou-se em momento de comoção para diversos alunos e repetidores cegos. Aqueles que viveram, por muito tempo, na antiga casa chegaram a entristecer-se e chorar pelo afastamento do ambiente a que estavam ligados por profundos laços afetivos. Louis Braille lá vivera por 24 anos. Para ele, particularmente, no dia 22 de fevereiro de 1844, data da inauguração das novas instalações, foi alcançada uma verdadeira vitória em sua causa: Joseph Guadet (1795-1880), chefe de ensino, teceu elogios publicamente ao Sistema Braille e a seu inventor.

A vida de Louis Braille sofreu várias mudanças entre 1840 e 1850. Suas atividades docentes foram reduzidas entre 1840 e 1844, limitando-se a dar aulas a número reduzido de alunos, exclusivamente nas classes de música. Entre 1844 e 1847, foi afastado das aulas com permissão, porém, de permanecer no Instituto para tratamento, por ato do ministro, solicitado pelo diretor Dufau. Em 1847 retorna às aulas e se afasta em 1850. Durante todo esse período, volta a Coupvray por temporadas mais ou menos longas para recuperar-se.

Um espírito forte num corpo debilitado

Louis Braille chegou a requerer sua aposentadoria em 1850, mas a direção da escola retardou o processo para não prejudicá-lo financeiramente, pois os proventos seriam muito reduzidos. Seu espírito fortalecido pela fé e pelo conforto da permanente prática do bem sustentavam-no nessa etapa difícil da existência. Por outro lado, não lhe faltava o apoio dos familiares, dos alunos, dos amigos e da direção do Instituto. Era cercado de carinho e de atenção pelos que dele gostavam.

O homem lúcido, porém, não se iludia quanto a seu destino. Em 1851 as crises reincidiram com grande frequência nos meses de novembro e dezembro.

Em princípios deste mês, após uma crise violenta, solicitou os sacramentos e Coltat deixou registradas em sua *Notice Biographique* as informações seguintes:

Louis Braille permanecia tranquilo; mas, sentindo que sua vida estava em perigo, pediu por precaução os auxílios espirituais, recebendo os sacramentos com uma devoção e um respeito realmente edificantes.

No dia seguinte, Braille confessou ao amigo:

O dia de ontem foi um dos maiores e mais belos de minha vida. Quando já se passou por isso, se compreende todo o poder e a majestade da religião. Mas, ó insondável mistério do coração humano! Estou persuadido de que minha missão sobre a terra está terminada; ontem saboreei as delícias supremas; Deus se dignou a fazer brilhar ante meus olhos os esplendores das eternas esperanças. Não parece que depois de tudo isso não teria forças para apegar-me à terra? Pois bem, à medida que eu pedia a Deus, certamente, que me levasse do mundo, sentia que não o fazia com muita força.

Aos que procuravam consolá-lo e estimulá-lo, dizia com simplicidade: “Já sabes que não me deixo iludir e que não há necessidade de disfarçar comigo.”

No dia dos Santos Reis de 1852, 06 de janeiro, dois dias após seu aniversário de nascimento, o corpo enfraquecido dava sinais acentuados do fim muito próximo. Pela manhã, Louis pediu que lhe recordassem o significado do “ouro, incenso e mirra”. Ao meio-dia, com grande devoção, recebeu o viático (sacramento eucarístico aos acamados). Com voz enfraquecida, ainda fazia demonstrações de carinho e amizade aos visitantes. Sua agonia final se iniciou às 4 horas da tarde.

Às sete e meia da noite, o espírito forte e o corpo que lhe serviu de abrigo separaram-se para sempre.

O corpo de Louis Braille foi velado na capela do Instituto de Paris e enterrado no cemitério de Coupvray no dia 10 de janeiro em sepultura simples, ao lado das de seu pai, Simon-René, e de sua irmã, Marie-Céline.

Para eternizar a imagem do ilustre desaparecido, os amigos mandaram fazer uma daguerrotípia, origem da conhecida foto de Braille. O diretor, Dufau, providenciou para que se produzisse uma máscara mortuária em gesso. Este molde serviu para que, mediante uma subscrição entre alunos e professores, o escultor François Jouffroy (1806-1882) cinzelasse um busto em mármore, inaugurado no dia 25 de maio de 1853 no vestíbulo da Instituição.

O Conselho Municipal de Coupvray, por decisão de 15 de fevereiro de 1885, determinou a concessão de um túmulo perpétuo para os restos mortais do já famoso filho da comunidade.

O centenário do falecimento de Louis Braille, em 1952, foi universalmente reverenciado. Em muitos países, os corações agradecidos das pessoas cegas e o reconhecimento pelo valor educativo e social de seu legado, fizeram com que se programassem significativos eventos que alcançaram grande ressonância na sociedade.

Na França, foram concretizadas duas iniciativas dignas do valor do ilustre falecido:

- A aquisição da casa natal de Louis Braille para transformá-la no atual museu, o que se deu em 29 de março, pela Associação Amigos de Louis Braille, encabeçada pelo prefeito de Coupvray, Pierre-Henri Monet.
- O traslado dos restos mortais de Louis Braille para o Panteon de Honra da França, em 22 de junho de 1952.

Última viagem de Louis Braille

O traslado dos restos mortais para o Panteon, que fez eternizar o nome de Louis Braille entre as grandes personalidades nascidas em solo francês, foi liderado por um grupo de intelectuais cegos, com apoio de organizações nacionais e figuras internacionais como a surdocega norte-americana Helen Keller (1880-1968). O professor Pierre Henri (1899-1986) destacou-se, sobretudo, tendo pronunciado discurso laudatório na universidade da Sorbonne. Sensível ao movimento, o presidente francês, Vincent Auriol (1884-1966) determinou as indispensáveis providências para que se efetivasse o justo preito de homenagem a Louis Braille.

O Panteon é uma portentosa construção erigida em Paris no século XVIII. Foi projetado inicialmente para ser uma igreja dedicada a Santa Genoveva, à época do rei Luís XV. Os trabalhos foram entregues a Jacques-Germain Soufflot (1713-1780) e estenderam-se de 1756 a 1797, tendo sido concluído por outro arquiteto. Com o advento da Revolução Francesa (1789), foi destinado a ser um monumento para homenagear personalidades importantes da França. Pouco mais de 70 figuras são aí reverenciadas, cujos restos mortais se encontram na cripta do monumento, como: Émile Zola, Marie Curie, Jean-Jacques Rousseau, Voltaire, Victor Hugo e Louis Braille.

No dia 21, véspera do ato de traslado, em solenidade na Sorbonne, discursaram Pierre Henri, que recebeu a condecoração da Legião de Honra, e Helen Keller, de cujas palavras vale destacar:

De modo particular, nós, os cegos, devemos a Louis Braille o mesmo que a humanidade deve a Gutenberg. (...) É verdade que o sistema de pontos é muito distinto da letra impressa, mas as letras em relevo sob nossos dedos são preciosas sementes das quais brotam nossa riqueza intelectual. (...) Sem o sistema de pontos, como seria caótico e inadequado o problema de nossa educação! (...) Mas Louis Braille, com sua vara de condão de seis pontos, fez a magia de surgir para nós escolas onde livros em relevo nos conduzem, como em barcos, para os portos da educação, das bibliotecas e para todas as facilidades da escrita que asseguram nossa independência.

Detalhe da fachada do Panteon de Honra da França onde se lê a seguinte inscrição:

“AOS GRANDES HOMENS A PÁTRIA AGRADECIDA”

